ALPHORRIA

REVISTA EXPERIMENTAL DO CURSO DE JORNALISMO DA URCAMP

A CULTURA DE BAGÉ:

O passado e o presente da cidade que já foi considerada uma das mais importantes em cultura no estado

Anuncio

EDITORIAL

A cultura da Rainha da Fronteira

A tradicional cultura contada de uma forma nova. Assim se dá este trabalho, realizado pelos alunos do oitavo semestre de Jornalismo da Urcamp, apresentado ao longo de 24 páginas. Fazer uso do discurso jornalístico, elencando artistas e movimentos de destaque na cidade e região, é o objetivo desta edição da revista Alphorria.

Por causa de sua posição geográfica, bem como de suas características locais, Bagé recebeu ao longo de sua história, diversas colônias de imigrantes que aqui se estabeleceram. O pampa gaúcho, que muito serviu de palco de batalhas e invasões, também vivenciou grandes acontecimentos. Povos que por aqui passaram, deixaram um belo legado cultural.

Pelo município passaram algumas das mais famosas companhias teatrais, musicais, e até mesmo grandes circos europeus. Em viagens de turnê pelo Brasil, vindos de Montevidéu, ingressavam em solo nacional através da Rainha da Fronteira. Alguns fatos merecem ser destacados, como em 1888, quando foi criada a primeira sociedade literária, “Cultura às letras”. Bagé assistiu ao seu primeiro filme, em 1897, menos de dois anos depois da invenção do cinema, na França. Tantas atividades que fizeram da cidade uma das mais adiantadas do Estado em termos culturais.

Cultura que na sua essência significa uma somatória de costumes, tradições e valores. Um jeito próprio de ser e sentir o mundo que leva o indivíduo a expressar, nas mais diversas formas, seu modo de ver as coisas. Nossa terra possui uma mistura incrível, revelando artistas que fazem sua arte com alma e tradição.

PERFIL

Um artista completo

Gustavo Garcez de Castro tem 17 anos, nasceu em Dom Pedrito e atualmente mora em Bagé, onde trabalha como tatuador.

O primeiro contato com a arte foi quando era criança, ao ver seu irmão desenhando, isso despertou uma certa curiosidade e com o tempo já estava com um lápis na mão rabiscando em uma folha suas primeiras criações.No processo de tentar achar uma identidade em seu trabalho, tentou algumas técnicas diferentes, como o graffiti, pinturas em tela, desenhos realistas e pinturas digitais, o que acabou agregando muito a seus desenhos, assim como facilitando seu processo de criação. O artista comenta que sempre que pode usa o graffiti como uma válvula de escape para expressar-se e principalmente sentir-se bem.

“Minha trajetória é bem relacionada à arte. Talvez eu tenha custado para perceber isso, mas eu realmente necessito desenhar ou somente me expressar em algum rabisco. Sempre fui ruim em me expressar na oratória, então o modo mais fácil foi criar personagens e me comunicar de acordo com cada desenho. Minha inspiração maior é minha família que desde sempre acreditou no meu potencial. De artista que me inspira, como não falar do meu irmão Uilian Garcez que me apoiou desde pequeno a desenhar e sempre me ajudou a evoluir e principalmente acreditar em mim mesmo”, explica o artista. Modesto, se diz aprendiz de tatuador. O artista comenta que este ano foi de muito aprendizado e trabalho, e que espera dos próximos anos mais trabalho e evolução. Independentemente do estilo, ele pretende continuar desenhando. Gustavo costuma produzir suas obras acompanhado por música de boa qualidade e se considera sortudo por ter bastante amigos envolvidos com arte. Comenta que a cidade tem muitos talentos e uma vasta cultura artística que deve ser cada vez mais valorizada.

“O importante é a valorização e o reconhecimento que é adquirido, isso realmente não tem preço. Abrir mais espaço para os artistas, fazendo com que haja uma interação entre a cena local”, conclui.

Expediente

Barbara Lignon
Edição e reportagem

Antônio Sapper
Reportagem

Francine Leite
Reportagem

Ritiele Maidana
Reportagem

Rossana Peixoto
Reportagem e fotografia

Augustho Soares
Diagramação

Cristiane Pereira
Professora orientadora

SUMÁRIO

Tradiçao (por Ritiele Maidana) 05

Dança (por Antônio Sapper) 06

Música (por Antônio Sapper) 08

Artes (por Rossana Peixoto) 10

História (por Barbara lignon) 12

Fotografia (por Ritiele Maidana) 15

Cinema (por Barbara lignon) 16

Literatura (por Francine Leite) 18

Teatro (por Francine Leite) 20

Religião (por Rossana Peixoto) 23

COSTUMES À MODA GAÚCHA

A cultura gaúcha é muito peculiar. A lida campeira, a indumentária, o hábito de tomar chimarrão, o churrasco, o carreteiro, o gosto pelos cavalos, a dança, os festivais de músicas nativistas, os rodeios, os tiros de laços, todos estes aspectos marcam a identidade do gaúcho, preservando as tradições.

Em Bagé esta cultura está muito arraigada, até mesmo pela localização fronteiriça com o Uruguai. A cidade tem o segundo Centro de Tradição Gaúcha (CTG) mais antigo do Estado, o CTG 93, fundado há sessenta anos, no dia 9 de setembro de 1952, apenas quatro anos após a fundação do CTG 35 de Porto Alegre. O centro nasceu sob inspiração do Clube Recreativo Brasileiro, que na figura do presidente Paulo Babot, entusiasmado com o movimento de resgate das tradições gaúchas que ocorriam pelo Rio Grande do Sul, incentivou o surgimento da entidade. Foi durante a inauguração da 39ª Expofeira. Com o tempo, diversas ações e atividades foram empregadas pelo Centro de Tradições Gaúchas, como as “Gauchadas do 93”, que no decorrer do tempo acabou resultando na Semana Crioula, a apresentação de ginetes do CTG no Estádio Centenário de Montevidéu, além da iniciativa de realizar o primeiro baile gaúcho realizado no Clube Comercial.

Atualmente, o coordenador da 18ª Região Tradicionalista, Gilberto Silveira, calcula que o município possui cerca de 80 entidades cadastradas, entre piquetes, departamentos culturais e CTGs, que participam de desfiles. “Trinta entidades realizam atividades e eventos campeiros e artísticos”, destaca. Neste ano, um CTG bajeense obteve uma grande conquista. Já era quase 3 horas da madrugada de domingo, dia 22 de maio, noite que dificilmente Roberta Jacinto, do CTG Prenda Minha, esquecerá. Cerca de 1.300 pessoas participavam do Fandango no CTG Lalau Miranda, de Passo Fundo, quando o cerimonial da 46ª Ciranda Cultural Gaúcha, formado por Airto Glademir Timm e Andressa Pagnusatt, anunciou a jovem como 1ª Prenda. Um importante título para a cidade.

A produção musical é outra vertente da cultura muito presente no cotidiano de Bagé. O grupo de música gaúcha “A moda antiga” é um dos representantes do gênero no município. O conjunto realiza bailes na cidade e também na região. O gaiteiro da banda, João Carlos da Cunha, explica que a cada apresentação percebe um aumento de público, que gira em torno de 400 pessoas. O grupo também realiza eventos beneficentes e possui dois CDs gravados. “No momento, existe uma diminuição de festas, mas o movimento tradicionalista é forte na região”, acredita.

Divulgação

1ª Prenda da 18ª região Tradicionalista

Uma cidade de muitos ritmos

O surgimento da dança se deu ainda na Pré-História, quando os homens batiam os pés no chão. Com o passar do tempo, foram dando intensidade aos sons, descobrindo que seriam capazes de criar outros ritmos, conciliando os passos com as mãos, através das palmas. Em todos os grandes momentos da história, a dança sempre esteve presente, o que não mudou até os dias de hoje, pois ela faz parte do nosso cotidiano. Na Rainha da Fronteira, isto não é diferente.

Segundo a coreógrafa e professora de dança do ventre, da academia Bio Center, Liliane Ferrarelli, a dança é importante para as pessoas, pois ela agrega valores culturais e trabalha com o corpo e a mente. “A dança é uma forma de expressão através do corpo. Dançar é um exercício e auxilia no metabolismo e funcionamento do organismo. Ajuda também, na perda e manutenção de peso. Como trabalho especificamente com a dança do ventre, esta modalidade além de integrar todos os benefícios citados, também contribui com a autoestima e sensualidade das bailarinas”, destaca.

> “A dança é uma forma de expressão através do corpo. Dançar é um exercício e auxilia no metabolismo e funcionamento do organismo.”

Já para a coreógrafa e professora de balé do Instituto Municipal de Belas Artes (Imba), Camila de Munhoz, as crianças e adolescentes estão cada vez mais buscando aulas de dança. “A procura por balé clássico e jazz é muito grande em Bagé. Aqui no Imba procuramos dar o lazer para as que desejam somente dançar e uma boa evolução técnica para quem deseja competir”, explica. Camila afirma que a dança deve estar dentro das escolas para os alunos terem uma válvula de escape. “As pessoas precisam se expressar, e a dança é a melhor maneira para isto acontecer, pois ela trabalha com o corpo e a nossa mente”, diz.

Dentro deste espaço cultural, existem grupos de dança bajeenses que se destacaram no Brasil. Um bom exemplo disso é o The Manifest, que foi criado há dez anos pelo coreógrafo Irajá Farias, conhecido como Ira. Segundo Farias o grupo já participou do programa Tv Xuxa, competindo no 1° Concurso Nacional de Dança e no Maior Festival de Dança do Mundo (atestado pelo Guiness), o Festival de Dança de Joinville, além de representar o Rio Grande do Sul no Meeting Hip Hop School Festival. “Eu criei o grupo e depois o meu pai José Farias ficou trabalhando como diretor até hoje. A minha paixão pela dança é desde criança, quando eu treinava meus amigos no

Órion Foto e Vídeo

pátio de casa. Colocava as músicas do Michael Jackson e criava várias coreografias", conta o coreógrafo. Farias acredita que o Hip Hop e a dança de rua estão em constante evolução na cidade, porém ele vê uma distante valorização da dança em Bagé. "Estou sempre procurando evoluir com oficinas de dança, e workshops, mas a dança precisa ser mais valorizada na nossa cidade, pois graças a ela conseguimos transmitir vários sentimentos e emoções", finaliza.

Ressalta-se que, anualmente, a comunidade pode prestigiar esta expressão artística através do Dança Bagé. Neste ano, o evento completou sua 14ª edição, com diversas oficinas de dança contemporânea, de salão, do ventre e de rua.

ENTREVISTA

Liliane Ferrarelli é professora de dança na cidade e há anos trabalha com esta arte.

Alphorria – Em Bagé existe uma grande diversidade de ritmos de dança. Pode citar algumas?
Zumba, balé, street dance, dança de salão, sapateado, jazz, dança do ventre, contemporâneo, ballet fitness, moderna, samba, dança cigana e danças tradicionalistas.

Alphorria – Como é realizado o teu trabalho na dança?
O meu trabalho é realizado através de muita pesquisa e de acordo com a faixa etária e o propósito das minhas alunas.

Alphorria – De onde veio esta paixão pela dança?
A paixão nasceu na minha infância. Desde então, me apaixonei por este universo e me especializei em dança do ventre.

Alphorria – A dança é valorizada em Bagé?
Bagé é referência no cenário da dança e leva o nome da cidade por onde passa. O município conta com profissionais capacitados. Percebemos que as escolas municipais, estaduais e particulares já disponibilizam a dança para os alunos no turno inverso das aulas.
Contudo, na minha opinião, a dança não é valorizada de forma merecida pela classe empresarial. As competições fora da cidade exigem dinheiro e é muito difícil conseguir patrocínio. Apesar da dança agregar todas as faixas etárias, credos e classes sociais, está longe de ser democrática, pelo simples fato de alguns concursos serem caros e da nossa cidade ainda não se dar conta da grandiosidade desta arte que só traz benefícios para quem dança e para quem patrocina.

Alphorria – Desde quando você é professora de dança do ventre?
Há quase 14 anos. Comecei a dar aula na adolescência, com 15 anos e nunca mais parei. Além de ser uma fonte de renda extra, já que sou jornalista por formação, é uma terapia para mim. É o momento onde estou livre para criar e me expressar através de movimentos.

Alphorria – Como as crianças se relacionam com a dança? É bom para elas?
A dança contribui com o crescimento da criança. O indicado é começar com três anos de idade. É excelente pelos inúmeros benefícios que a arte traz. Ela aprende desde cedo a se expressar melhor. A dança anda de braços dados com a educação, pois trabalha de forma divertida a concentração da criança, ou seja, é muito indicado para quem tem déficit de atenção.
Esta arte engloba todas as idades e classes sociais. Quem dança é mais feliz. A prática é estimulante, relaxante e motivadora, pois envolve técnica e sentimento. É um dos exercícios físicos mais democráticos e flexíveis, pois há uma infinidade de ritmos e coreografias a serem explorados.

Divulgação

08

MÚSICA

Notas musicais e educação em Bagé

A música está em todos os cantos do mundo. Em Bagé, ela está desde o inicio da Avenida Santa Tecla até as fronteiras com o nosso país vizinho Uruguai. Artistas anônimos realizam seus sonhos, se apresentando em bares, restaurantes, casas noturnas e garagens. Além disso, Bagé tem recebido grandes espetáculos, como o Festival Internacional de Música no Pampa (FIMP), orquestras internacionais, como a Orquestra del Sodre, do Uruguai, dentre outros grupos e músicos que já visitaram a cidade. Porém, a música também caminha lado a lado com a educação nos pampas. Atualmente o município dispõe de um curso de licenciatura em música, que é ofertado pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa), com o objetivo de formar educadores musicais capazes de atuar, com as competências, conhecimentos, saberes e habilidades necessárias para a educação básica e nos seus contextos educativos. Dentro deste panorama de educação musical, também temos o Instituto Municipal de Belas Artes (Imba), que oferece oficinas e cursos para a comunidade que deseja aprender.

Segundo a professora do Imba e estudante do curso de Licenciatura em Música da Unipampa, Niandra Lacerda, a autodisciplina, paciência, sensibilidade, coordenação e a capacidade de memorização e de concentração são valorizadas com o estudo da música. “Vejo que a importância da música é fundamental porque ela atua no desenvolvimento interno e externo de qualquer ser humano. Desde que nascemos já temos contato com qualquer tipo de música”, diz. Ela acredita que, em Bagé, as práticas musicais são muito fortes. “Como trabalho em um instituto musical, que comporta cerca de mil alunos, e estudo em um curso de licenciatura em música, consigo ver que a música está presente na comunidade bajeense. De qualquer forma, mesmo que os sonhos sejam diferentes, uns querem estudar os instrumentos para o seu lazer, outros preferem ser professores, e alguns tocar em bares da cidade, o nosso objetivo é o mesmo, levar a música para os quatro cantos do município com a felicidade que só ela pode nos proporcionar”, destaca. Lacerda também acredita que as pessoas estão se interessando em aprender sobre a história e os instrumentos da música, da mesma forma que as escolas estão se preparando para receber a música. “Nossa cultura é rica, pois é cheia de ritmos. Hoje nós temos a liberdade de escolher a música que desejamos estudar ou apenas aprender para tocar. Este espaço que a música ganhou com certeza foi adquirido com o tempo. Muitas escolas estão buscando professores com a licenciatura em música para ensinar aos alunos de Ensino Fundamental, ou seja, nós estamos com um mercado de trabalho bem amplo e que está sendo requisitado”, afirma.

“Nosso objetivo é o mesmo, levar a música para os quatro cantos do município com a felicidade que só ela pode nos proporcionar.”

A estudante do curso de letras, Karoline Larroza, já participou de festivais de músicas e gravou alguns vídeos cantando no seu canal do Youtube. “Desde criança, participei de vários festivais, então sempre gostei de cantar,” declara.

Larroza fala que não pretende levar seu hobby a sério, que isto somente é uma forma de liberar o seu amor pela música. “A música consegue transmitir sentimentos inigualáveis, esta diversão com certeza é para alimentar a minha paixão”, salienta a estudante.

Divulgação

Niandra ministrando aulas de violão

Rodrigo Sarasol

As cores de B

A cidade está mais colorida. Quem anda pelas ruas de Bagé percebe as cores e o talento dos artistas locais, que transformam paredes vazias em obras de arte. O aumento do movimento artístico nas ruas foi consequência do projeto “Arte e memória na rua”, que vem sendo coordenado pelo artista Léo Rodrigues.

Uma das obras foi a retratação dos artistas plásticos do Grupo de Bagé, Glênio Bianchetti, Glauco Rodrigues, Carlos Scliar e Danúbio Gonçalves. Cerca de quatrocentos trabalhos deste quarteto encontram-se no Museu da Gravura. Para a execução desta obra, participaram os artistas Léo Rodrigues, Janaina Wayne, Théo Gomes e Carlo Andrei. Carlo Andrei é artista, autodidata e apaixonado por arte desde a infância. Começou desenhando quadrinhos, mais tarde conheceu os livros sobre pintura e teve acesso à história da arte. “O feitiço forte começou nesse momento, não parei mais, sempre fiel a mesma temática: o ser humano. O tempo foi passando, a produção foi surgindo e naturalmente as exposições começaram acontecer, e foram diversas no Brasil e fora também”, comenta Carlo Andrei.

O artista costuma interagir com os jovens, se propõe a visitas em escolas e instituições, mostra como procede seu trabalho, proporcionando aos interessados mini-cursos e oficinas. Há 17 anos ele iniciou estes cursos, inicialmente no seu atelier, depois no CDE Odessa Macedo, Secretaria de Cultura, Oficinas da Paz (UNESCO) e Instituto Municipal de Belas Artes. “Os chineses dizem que um pintor precisa de três coisas: o olho, mão e coração; o que ensino nas minhas oficinas é o aprimoramento do olho (a forma de ver/ ler/simplificar/ descomplicar as imagens facilita muito o aprendizado e auxilia na criação, composição), a mão é técnica (a mais simples do mundo: desenhar, desenhar, desenhar). E por fim, o terceiro item, o coração, esse tem que vir com o aluno, ninguém ensina essa parte, é pessoal, de acordo com a vida de cada um”, explica.

Divulgação

O pintor Carlo Andrei em uma produção artística.

A arte como hobby

Divulgação

Série de desenhos produzidos por Uilian

A arte local vem ganhando um espaço cada vez maior, abrindo o caminho para que mais artistas possam manifestar seus talentos, não somente por trabalho, mas também por lazer, como no caso de Uilian Garcez, que atualmente graffita sem nenhum benefício financeiro, pelo contrário, arcando com o gasto dos materiais. Uilian é natural de Pinheiro Machado, atualmente mora em Bagé, onde trabalha como tatuador em um estúdio. O interesse por desenho e pintura vem da infância, onde começou desenhando mangás e cartoons.

Com o tempo passou a sentir interesse pelo desenho realista. A partir de então começou a receber encomendas. Em 2007, aos 17 anos, Uilian mudou-se para Pelotas, onde por curiosidade, se identificou com o graffiti e começou a pintar na rua como uma forma de expressão. Desde então buscou estudar a fundo o desenho. Cursou edificações e pintura em tela, que foi um passo essencial para a evolução de seu trabalho. Logo começou a fazer alguns trabalhos comerciais de pinturas em tela, graffiti e desenhos realistas. Em 2013 começou a tatuar, foi quando realizou seu possível sonho de viver de arte. Dois anos após iniciar sua carreira como tatuador, Uilian criou uma série de desenhos e foi premiado em algumas convenções de tatuagens. Neste ano foi premiado novamente, na categoria “Black andgrey.” “Hoje não vejo minha profissão como meu trabalho e sim como lazer, vivo profissionalmente apenas da tatuagem, minhas pinturas e desenhos viraram meu hobby. Me dedico a cada dia ao aprendizado e evolução do meu trabalho, venho presenciando resultados e reconhecimento por esses anos de estudos. Atualmente tenho um estúdio de tattoo na cidade de Bagé e também viajo tatuando em convenções pelo Brasil”, conta o artista.

Outras técnicas:

Assim como Uilian, muitos jovens estão tentando fazer do sonho de viver de arte, algo possível de ser realizar. Em Bagé há artistas dos mais diversos ramos, com diferentes técnicas de produção. Uma delas é o estêncil, que se aproxima do graffiti, porém a técnica é completamente diferente. O estêncil é a reprodução de uma ilustração, que pode ser feita tanto em tecido, no caso das estampas, como em concreto, como, por exemplo, nos muros da cidade.

A diversidade da arte local é uma característica de Bagé. Dentre tantas maneiras de produzir arte, está uma das mais primitivas, a pirografia, considerada uma das primeiras manifestações artísticas da humanidade. Lucas Ollé, artista local, que trabalha com pirografia desde 2014, explica um pouco sobre esta técnica histórica. “Bom, basicamente você escolhe uma imagem x, transfere para a madeira com carbono e trabalha em cima. O tipo da madeira interfere bastante no resultado final, pois algumas queimam com mais facilidade. Tenho preferência sempre por madeiras claras. O trabalho também pode ser feito em couro. Quanto ao tipo de madeira, dá para usar qualquer, desde uma prancha de pinus a uma porta velha de guarda roupa. Depois da arte pronta, eu finalizo com verniz que dá brilho e ajuda a preservar o trabalho”, comenta.

Lucas tem 24 anos, é estudante e seu primeiro contato com esta arte foi em 2014, quando seu pai comprou um pirógrafo e, por curiosidade, foi ver o que dava para fazer. Desenhou um personagem, queimou por cima e gostou do resultado. A partir de então foi desenvolvendo sua habilidade, aperfeiçoando a cada imagem.

O artista raramente expõe seu trabalho em Bagé. Costuma vender suas peças pela internet ou em viagens. Este ano deu uma oficina de mangá, em um evento cultural, e levou seu pirográfo para os jovens conhecerem e explicou como funciona. O resultado foi positivo. Segundo ele, o pessoal adorou a experiência.

Lucas acredita no potencial artístico de Bagé, comenta que aqui transborda artistas fantásticos, mas lamenta parte deles estarem dentro de gavetas. Para ele é importante que haja uma manifestação e movimentação maior, que resulte em um reconhecimento maior dos talentos locais. “A importância da expansão da arte é proporcionar a todos nós a visibilidade que desejamos e principalmente a valorização que merecemos. Mais do que expandir a arte em si, é preciso expandir a cabeça das pessoas nessa cidade. Ficar produzindo dentro de um quarto exige tempo e comprometimento sabe? São muitos os gastos”, diz.

HISTÓRIA

Um passado rico em cultura

Em forma ilustrativa, abaixo você acompanha os primeiros movimentos culturais significativos de Bagé. Uma Linha do Tempo que resume os primeiros anos da História da Cultura da Rainha da Fronteira baseados no livro Inventário Cultural de Bagé, de Elizabeth Fagundes.

1847

Surge o primeiro teatro de Bagé. O local recebia peças de teatro, óperas e operetas.

1872

Construído o Teatro 28 de Setembro

Início do Séc. XX

Teatro Santo Antônio, atual Vila de Santa Thereza

1904

Fundado o primeiro Instituto Musical de Bagé

1913

Bagé foi palco pela primeira vez de uma produção cinematográfica

1977
Nasce o Museu da Gravura Brasileira

1970
Inaugurado o antigo Cine Sete

Fundado o Museu Dom Diogo de Souza

1956

Inaugurava o Cine Teatro Capitólio, na Sete de Setembro

1934

1914
Inauguração do Cine Teatro Avenida

Saiba mais sobre os acontecimentos citado na linha do tempo e outros:

Muitos relatos históricos são possíveis de serem acessados, graças aos serviços prestados pela imprensa local da época. Contadores de histórias que registravam os fatos. Fatos estes, que se perpetuaram por gerações. Hoje, muito do que se sabe foi apurado em jornais e documentos da época. Esta investigação se deu pelas mãos de historiadores inquietos que buscavam as origens históricas da nossa cultura.

1847 Em 16 de abril de 1847, foi fundada a primeira Casa Maçônica de Bagé, chamava-se: Estrela do Sul. Após deliberação de seus associados, passou a funcionar como teatro. O teatro localizava-se na Osório esquina com a Dr. Veríssimo.

1861 – O jornal Aurora de Bagé teve como seu fundador e redator Isidoro Paulo de Oliveira. O impresso contava com três edições semanais.

1872 – Foi através do teatro 28 de setembro que se deu a chegada do cinema em Bagé, considerado um dos locais mais importantes e bonitos do Estado. Em 1917, o prédio foi destruído pelas chamas de um incêndio, não restando nada além das paredes, que foram derrubadas para segurança da população.

1904 – Se tem registros através do jornal O Dever, que em 05 de abril foi fundado, em uma das salas da Intendência Municipal, o primeiro Instituto Musical de Bagé. Em 1927, pelas mãos do Intendente Carlos Mangabeira, a escola passou a ser: Conservatório de Música de Bagé, atual IMBA.

1913 – Este ano foi marcado por um crime, chamando a atenção do cineasta Francisco Santos que veio até a Rainha da Fronteira filmar o ocorrido. O filme foi intitulado de O Marido Fera. O filme se tratava da história verídica sobre um marido ciumento que por desconfiança acorrentou a esposa por quatro anos em uma espécie de chiqueiro em sua própria residência.

1914 – As primeiras exibições em Bagé, de filmes falados, foram no Cine Teatro Avenida, que por anos foi considerada a principal casa de diversão da cidade.

1934 – Uma casa com amplo espaço abrigava 1200 lugares tornando-se a melhor casa de espetáculo da cidade. Além de cinema, passaram pelo palco do Capitólio peças de teatro das principais companhias do Brasil. Após um incêndio que devastou o prédio, em 1941, o local foi reconstruído no ano seguinte.

Início do Séc. XX – O teatro Santo Antônio foi construído pelo Visconde de Ribeiro Magalhães. A estrutura abrigava 6 camarins, 17 camarotes, 50 cadeiras na plateia, galerias para 150 pessoas, além de mesa de bilhar, copa e etc. Em testamento, o prédio foi cedido ao município para servir de espaço para escola. Infelizmente, funcionou por alguns anos e por não ser devidamente cuidada, desapareceu.

1956 – Em 20 de setembro era inaugurado o museu Dom Diogo de Souza nas dependências da Vila Vicentina, onde permaneceu até 1975, quando foi transferido para o local onde hoje se encontra: Sociedade Portuguesa. O museu foi idealizado pelo historiador Tarcisio Taborda.

1970 – Apresentando o filme Calhambeque Mágico, foi a inauguração do Cine Sete localizado na galeria Sete.

1977 – Aos 21 dias de outubro, foi fundado o Museu da Gravura de Bagé. A prioridade era conservar obras de arte, especialmente a gravura, além de servir como coleta, pesquisa e exposição de arte.

A fotografia

pelas lentes do fotógrafo mais antigo da região

Antônio Luiz Salgado Candiota, 81 anos, dedica a vida a captar imagens e hoje é o fotógrafo mais antigo, em atividade em Bagé. Até hoje, o fotógrafo utiliza a primeira câmera, uma Leica M3, a mais clássica entre os fotógrafos do mundo todo. Nunca teve interesse pelas câmeras digitais e expõe em seu estúdio inúmeras fotografias. Imagens que guarda porque fazem parte de sua história. Sempre teve um laboratório para revelação de fotos em preto e branco. As coloridas eram mandadas fazer fora.

O fotógrafo nasceu na cidade de Dom Pedrito, em 1934. Morava com seus pais e desde bem jovem já trabalhava na lida campeira ajudando a família. Aos 10 anos de idade aprendeu a dirigir, pois naquela época tinham que andar 18 quilômetros de carroça para chegar até a escola. Foi criado com uma família tradicional na região, foi através dela que conheceu o Coronel Maia. Foi ele que levou Candiota para o Exército, onde aprendeu a fotografar. Sua carreira militar teve duração de 11 anos e foi finalizada quando o transferiram de cidade, e ele não quis.

Ao completar 18 anos, o pedritense veio morar em Bagé para concluir os seus estudos na Escola Carlos Kluwe. Como ele foi criado na campanha, não tinha habilidades com câmeras. Foi então que o Coronel Maia disse para ele fazer um curso por correspondência. Candiota fez e acabou ganhando a câmera de presente do Coronel. A primeira fotografia tirada foi do primeiro rodeio do Centro de Tradições Gaúchas (CTG 93).

No ano de 1968, o fotógrafo abriu seu próprio estúdio na Rua Tupy Silveira. Depois acabou se mudando para o local. Trabalhou por muitos anos para a polícia, realizando registros em imagens de crimes. Também atuou no jornal Correio do Sul. Candiota foi o fotógrafo oficial do presidente Emilio Garrastazu Médici, quando o bajeense vinha à região da campanha. O presidente Getúlio Vargas foi o primeiro famoso que o fotógrafo fez imagens. O casamento do filho do presidente Artur Costa e Silva também foi registrado por Candiota. O cantor Teixeirinha, quando estava no auge de seu sucesso, esteve em Bagé, e não escapou das lentes do fotógrafo.

Juliano Oliveira

Bagé, terra de cinema

Em 19 de setembro de 1897, os bajeenses eram apresentados ao encanto de uma das mais notáveis invenções do ser humano, o cinema. A novidade chegou à cidade apenas um ano depois da primeira apresentação no Brasil, em uma celebrada sessão no Teatro 28 de setembro, como relata o jornal da época, ao lado.

"Perante regular concorrência estreou domingo último o cinematógrafo, deixando maravilhosos os assistentes. As vistas exibidas, em sua maioria, apresentaram-se nitidamente e com uma naturalidade perfeita de movimentos, sobressaindo entre outras a chegada do trem, os banhistas, os passeios de bote, regimento de artilharia, exercícios de equitação, etc."

Trecho retirado do livro, de Cláudio Lemieszek, Bagé: relatos de sua história – que mostra a matéria divulgada no jornal da cidade O Comércio, após a estreia do cinema em Bagé.

Naquela época, os filmes eram relatos de cenas do cotidiano. A curiosidade tomava conta das pessoas, que se surpreendiam ao ver seus semelhantes nas telas. Com o passar dos anos e a popularização do cinema, a variedade de filmes foi aumentando, proporcionando maior qualidade técnica nas produções. A paixão pela sétima arte foi tomando conta dos bajeenses, fazendo assim com que a cidade ganhasse filmes cada vez mais diversificados. Entre eles eram exibidas algumas comédias, havia filmes com cenas das óperas das capitais européias, outros continham registros da guerra russo-japonesa. As imagens das touradas de Madri também cativavam o público, e até mesmo os grandes feitos da humanidade, como os primeiros voos de Santos Dumont, se tornaram de conhecimento da população através das projeções cinematográficas.

João Vicente Oliveira

A paixão pela sétima arte foi incorporada à Bagé por gerações, e hoje conta com um festival de cinema, o Festival Internacional de Cinema da Fronteira, este ano em sua oitava edição. O evento vem conquistando espaço e reconhecimento dentro de outros festivais nacionais como o de Gramado. Sempre realizado entre novembro e dezembro, o festival vem contribuir com o intercâmbio cultural e fomentar as produções locais. O publicitário bajeense Tamile Padilha já foi vencedor do prêmio Memória e Patrimônio, na categoria Personagem, com seu curta: Xerife de Fronteira, na edição de 2013. Para o jovem publicitário, o Festival foi uma oportunidade de explorar e divulgar a história de um personagem local, além de viabilizar a compra de equipamentos com o valor do prêmio recebido. “Naquele ano, foram oferecidas categorias em que a premiação era em dinheiro. Com a conquista que obtivemos, pude investir em equipamento para dar continuidade no meu trabalho”, conta o publicitário.

QUER FAZER CINEMA?

Atualmente, Bagé conta o ponto de cultura Pampa Sem Fronteiras, um projeto da Associação Pró Santa Thereza, que disponibiliza equipamentos para produção audiovisual. Visando difundir e valorizar a cultura local, o projeto tem, à disposição da comunidade, aparelhos necessários para a captação de som e imagem. Para fazer uso é necessário apresentar uma proposta que siga as diretrizes do Ponto de Cultura, explica a coordenadora do projeto, Adriana Gonçalves. “Qualquer cidadão pode utilizar os equipamentos, com as devidas precauções de cuidados de uso dos aparelhos. Para isso, um membro do ponto de cultura acompanha a equipe para zelar pelo material”, explica a coordenadora.

O projeto conta com o espaço físico localizado no Centro Histórico Vila de Santa Thereza, sendo reconhecido pelo Ministério da Cultura do Brasil, como Ponto de Cultura.

COLUNA

Adriana Gonçalves Ferreira,
Bacharel em Comunicação Social
Especialista em comunicação e educação e suas interfaces,
Diretora cinematográfica.

Cinema como ferramenta pedagógica

Desde o surgimento do cinema, a possibilidade de documentar a vida, a sociedade, acompanha a história da captação de imagens através dos tempos. Os primeiros registros dos irmãos Lumière, por exemplo, já captavam a saída dos trabalhadores na fábrica de seu pai em Lyon na França ou a chegada do trem na estação. Na atualidade o audiovisual toma seu espaço como forma de expressão contemporânea de uma sociedade absorvida pela tecnologia. Logo a memória fica registrada.

A memória é um elemento essencial daquilo que passamos a chamar de identidade individual e coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades do presente na febre da angústia (LE GOFF, Jacques. História e Memória,1988, p.174). Ela nos dará a ilusão (reviver o passado): o que passou não está definitivamente inacessível, pois é fazê-lo reviver graças à lembrança. Daí a diferença entre o cérebro humano e a captação de imagens no cinema. O registro audiovisual guarda a memória, assim como o cérebro, porém, as máquinas não têm lembrança, o humano sim. Logo o cinema é um dispositivo que aciona a lembrança, sendo capaz de guardar eternizar a memória (com os devidos cuidados de atualização de mídias).

A memória, podemos afirmar, que vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual, quanto no coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade (CANDAU, 2012).

Já o projeto Inventar com a Diferença, da Universidade Federal Fluminense, que acontece em Bagé desde 2014, agora está na segunda edição e deve atuar até 2017, aplica pedagogia que une cinema, educação e direitos humanos. Essa iniciativa participou com vários filmes premiados no Prêmio Memória e Patrimônio, uma experiência encantadora para estudantes e comunidade de Bagé que viveram o processo do cinema e memória, tema por onde os direitos humanos perpassam.

O cinema como ferramenta pedagógica tem potencial transformador de apropriação do conhecimento e construção do saber. Nos inspiremos no poeta Manoel de Barros que nos diz sensivelmente: “O olho vê, a lembrança revê e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo”.

A arte da palavra do pampa gaúcho

A literatura, por apoderar-se da língua e através dela expressar-se, pode ser considerada uma poderosa ferramenta de comunicação e de interação social. Observa e retrata as mudanças que acontecem no mundo e cumpre com o papel de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade. Para além disso, a literatura também possui uma função social, no que diz respeito a assumir a forma de crítica da sociedade, em que o escritor aproveita sua obra para exteriorizar seus sentimentos e ideias do mundo que o cerca. A partir daí, o leitor, como interlocutor, traz sua reflexão, modificando seu modo de vista perante a realidade, o que faz da arte da palavra uma auxiliar no processo de transformação social.

O trabalho do artista literário (escritor, poeta, entre outros) tem a responsabilidade de ser o arquiteto da palavra, quando se envolve no processo de composição; um compositor da obra, ao se envolver na harmonia da estrutura sonora das frases; um artista plástico do texto, ao desenhar o perfil, o caráter, cada história e cada personagem e um filósofo de sua mensagem, ao passar para o papel os seus ideais de vida.

Dos artistas literários espalhados por aí, é possível dizer que Bagé tem o privilégio de ser um vertedouro de numerosos talentos. No entanto, muitos destes dons precisam ainda ser descobertos. Foi pensando nisso, que um grupo de pessoas, que têm em comum o gosto pela leitura e escrita literária, resolveu unir esforço para levar ao grande público estes habilidosos escritores. Faz-se referência ao Movimento dos Escritores Bageenses, o MEB, que atua na região há três anos, com o objetivo de difundir a literatura de qualidade dos filhos do Pampa.

Congregados pelo ato de escrever

Márcia foi a idealizadora do Meb.

Divulgação

A ideia de ter um grupo de criação literária surgiu de uma necessidade sentida pela professora aposentada Márcia Duro Mello, de ver brotar na cidade pontos de cultura em que o que era produzido pudesse ter a visibilidade merecida. Assim, Márcia foi obtendo nos últimos três anos, contatos de pessoas que tinham o hábito da escrita como parte de suas atividades. Ao conhecer e gostar dos textos que leu destas pessoas, ela percebeu quanta aptidão demonstravam e que era imprescindível canalizar e captar esses talentos. Desta forma, foi unindo uma, duas, três, dezoito pessoas com interesse em literatura, mas principalmente pelo prazer em escrever. Escrita que eles garantem que é natural e flui sem hora, nem lugar específicos.

Poemas, crônicas, versos rimados são algumas das produções em que eles costumam se aventurar. Os temas de inspiração vão desde a contemplação da natureza, da vida, do amor, da terra, até as desigualdades, críticas e denúncias sociais.

Os encontros dos integrantes têm o objetivo de obter o fortalecimento mútuo dos artistas para que juntos, cresçam. Fazem parte do MEB 14 escritores presenciais, que se reúnem conforme a necessidade de reflexão e produção sobre determinado tema, e quatro escritores correspondentes, que são da cidade e que querem mandar suas contribuições e manter um vínculo com a terra.

Releituras de obras de arte na área poética, de fotografias, produção de saraus poéticos, exposição de textos e participação em diferentes eventos em universidades, em espaços culturais, são algumas das atividades em que o grupo tem se envolvido. “Somos todos beneficiados pela vida e pelo dom de darmos alguma coisa para alguém, então damos o que temos de melhor. Nós olhamos as pessoas pelo o que elas têm de melhor, porque qualidades a gente deve puxar”, é nesta filosofia que o grupo se mantém a favor da cultura da cidade, segundo a escritora Márcia Mello, que este ano foi eleita a patrona da 19ª Feira do Livro de Bagé. O título é motivo de orgulho para ela, que além de ser filha da terra, como se autodenomina, carrega junto de si todo o trabalho para o reconhecimento da literatura que se origina aqui.

Mas ainda há muito o que ser feito para que a literatura da Rainha da Fronteira se fortaleça. O técnico em informática e cronista Brandt Acosta define que o cenário literário em Bagé ainda é de uma escrita pouco difundida. “Eu imagino que aqui nós somos um poço cultural de poetas e escritores com muitas poesias e textos engavetados, pelo receio que carregam do julgamento do outro, mas um movimento como o nosso veio para colocar luz e dar a oportunidade a quem precisa”, acredita e finaliza o escritor ao concluir a definição do grupo.

Integrantes do Movimento dos Escritores Bageenses(MEB) se reúnem para difundir a produção litarária local

Poemas

A ponte

Inexplicavelmente, estende-se...
Imensamente, liga destinos,
que se procuram insanos,
esforço coletivo abrandam
prováveis abandonos...
Contudo, me lanço,
sem destino,
a atravessar a ponte
e expulsar lembranças
e mágoas constantes
que queiram me visitar...
São, justamente, memórias
que desejo ocultar.

Percorrendo a ponte,
com indiferença consciente,
percorro sem escolta
E, com ardências de amplas revoltas
para encontrar e tentar consertar
Quem, tantas vezes,
magoou meu coração!

-TÂNIA MOURA

Nova Geração

Coisa linda, meu Senhor
ver nascer uma criança.
O coração explode,
balança...
pois é um ato de amor.

Gerado pelo amor,
que não será rompido,
um ser esculpido
pela mão do Salvador.

Ali, nasce a esperança
numa nova geração,
que não suje sua mão
com tendências do “modismo”
que não caia no abismo
do vício da ilusão.

-AUGUSTO CAMARGO

Amanhecendo!

Dia amanhecendo... por detrás dos moirões.
Risca, no céu, arames, tramas
e quase todos os dramas
se escondem no alaranjado do véu!
Amanhecer mais lindo não há!
Decerto quis DEUS
mandar para cá
um sol especial, pra lá de particular!
Neste Pampa,
cá de dentro (alma),
cá de fora (terra),
um ardoroso sentimento acampa:
o cheiro do verde, do pasto,
o aroma da macela,
o brilho do céu no açude,
a amarela e laranja pincelada
do Pai Eterno!
E esse sentimento ancestral –
memória dos antepassados
Presentes se fazem, embora ausentes,
em cada amanhecer deste sol!

-MÁRCIA DURO MELLO

A Rainha da Fronteira e o Teatro:

Uma história de amor e luta pela cultura local

Nenhuma arte é considerada mais completa que o teatro. É instrumento para o desenvolvimento do ser humano, para a sua formação cultural, para fazer pensar, rir, chorar. Ele permite que a capacidade de transformação de nós mesmos seja encontrada, porque provoca, desacomoda, nos revela uma nova maneira de ver o mundo, educa, sensibiliza.

Seu papel no desenvolvimento da cultura de um povo teve sua relevância, assim como as demais manifestações artísticas, legitimada em Bagé ainda no século XIX, quando a cidade se transformou em rota para as principais montagens de peças do Brasil e dos países vizinhos, ao ser alicerce do quarto maior teatro do Estado, o belo e luxuoso 28 de Setembro, construído no ano de 1872 pelo Clube Abolicionista do Partido Liberal.

Embora essa casa de espetáculos não tenha sido a primeira de Bagé, foi a maior já construída, com mais de 200 lugares. Sua influência na região ocasionou a popularidade destas demonstrações artísticas na cidade, e fez com que, por um tempo, as casas e auditórios próprios para este fim fossem se proliferando, assim como grupos e companhias locais.

Por uma infelicidade, o Teatro 28 de Setembro foi acometido por um incêndio em 1917. Sua estrutura foi inteira tomada pelas chamas. Neste momento, a esperança de construção, não só de uma história, mas de uma tradição cultural vinculada ao nome da cidade foi totalmente abalada.

Mesmo sem um local com estrutura próxima ao que era a do 28 de Setembro, muitos grupos de teatro ainda hoje fazem desta expressão artística uma forma de dar sentido à vida e espalham por aí uma semente cultural com identidade própria da Rainha da Fronteira.

Francisco de Assis

OS CARLITOS EM CENA

É o caso do grupo Os Carlitos, liderado pelo ator e diretor Michel Godinho, que há 3 anos vem construindo a sua história. Seu nome faz alusão ao personagem icônico de Charles Chaplin, exímio talento da arte da pantomima e das expressões. Os Carlitos é formado por participantes de oficinas de preparação e interpretação e conta com um elenco de 30 atores, que variavelmente participam de um ou de outro espetáculo e ainda compõem parte da produção (assistência de direção, contrarregra, maquiagem, cabelos, sonoplastia, arte, divulgação).

Godinho afirma que o grupo pretende fomentar as artes cênicas na cidade, possibilitar a experiência teatral para atores e atrizes do grupo. "Além disso, queremos lutar por um espaço apropriado para que a arte seja apresentada, difundir a cultura, trazer para o público grandes textos nais e internacionais", relata.

"Queremos lutar por um espaço apropriado para que a arte seja apresentada, difundir a cultura."

A oficina "Tempos Modernos", que é ministrada por Michel, é oferecida ocasionalmente para atores e atrizes, com ou sem experiência, acima de 16 anos, com foco no fortalecimento das artes cênicas na cidade com a formação de novos atores e apresentações de teatro. "Os atores ficam pré-selecionados para entrar para o grupo oficial e assim participar da montagem de espetáculos e peças. A oficina também oportuniza e facilita conhecer a dinâmica de direção e montagem", explica.

Em sua trajetória, o grupo já participou da montagem, roteirização, direção e encenação de alguns textos reconhecidos como Festa de Casamento (baseado em O Casamento do Pequeno Burguês) de Bertolt Brecht, O Noviço, de Martins Pena, além do espetáculo Carlitos em Pessoa, que retrata em poesia a vida e obra do poeta Fernando Pessoa.

FAZER TEATRO, EM BAGÉ?

Bagé conta com alguns eventos culturais já consolidados. Podemos citar o Dança Bagé, o Festival Internacional de Música do Pampa (FIMP) e o Festival Internacional de Cinema da Fronteira. Com relação ao teatro, os grupos e entusiastas desta expressão ainda lutam para que o seu fazer também tenha espaço garantido no coração da cidade.

O Festival Bageense de Teatro, embora tenha conseguido emplacar duas edições seguidas, ainda luta para não cair no esquecimento e ter sua importância reconhecida.

A Rainha da Fronteira conta com muitos membros de grupos que se formaram de forma independente na cidade. Podemos citar, além de Os Carlitos, grupos como Bufões da Rainha, Theastai, Parceiros, e outros tantos espalhados em escola e bairros.

No entanto, a realidade de quem faz teatro aqui, não parece ser muito animadora. A professora de teatro e idealizadora do grupo Theastai, Manuela Garcia, acredita que o panorama de teatro em Bagé é muito delicado. O que falta para o teatro bageense ser mais valorizado, segundo ela, é o desenvolvimento de uma cultura para esta arte.

Sua afirmativa é baseada na ideia de que Bagé não tem a cultura teatral e que isso acarreta, na maioria das vezes, a ida para outros lugares dos atores que querem fazer e viver de teatro, onde tenham mais condições de trabalho. "Fazer teatro em Bagé é muito delicado porque você tem que inserir uma cultura quase não praticada, tanto na forma de fazer, quanto na de prestigiar", relata a atriz.

Michel Godinho, de Os Carlitos, garante que hoje, em Bagé, o teatro sobrevive. "O grupo sobrevive graças às pessoas, entidades e pequenas empresas que nos apoiam de alguma forma ou outra. Mas necessitamos que o poder público e o poder privado acreditem na necessidade da manutenção do teatro em Bagé", enfatiza o diretor.

Já o ator Gladimir Aguzzi acredita que existe público e também pessoas que querem fazer teatro em Bagé. No entanto, a cultura é pouco valorizada. Na sua opinião, falta uma política cultural que trate dessas carências da cidade em cultura, de forma geral. Para ele, não há um espaço para que o pessoal de teatro se encontre, se identifique, que seja organizado, planejado e ocupado com este fim.

Francisco de Assis

TEATRO:

A ESCOLA DO ACORDAMENTO

Francisco de Assis

O acordamento para vida também chegou através do teatro para o escritor, diretor e ator bageense, Gladimir Aguzzi. Ele conta que sua experiência iniciou quando estava na 4ª série do Ensino Fundamental da Escola Mestre Porto, incentivado pela sua professora de português. Ali, naquele momento, ele se encantou porque percebeu que era possível aprender desta forma.

O seu gosto pelo teatro e pela sua capacidade de transformação foi tamanha que, quando adolescente, já estudante da Escola Carlos Kluwe, escreveu e encenou uma peça que escandalizou o público, porque tratava da temática do homossexualismo de forma aberta, em uma Bagé dos anos 70. Gladimir não conseguiu mais se desvincular.

Foi para São Paulo em busca de aprimoramento com cursos. Lá a atração foi plena ao assistir pela primeira vez a peça Macunaíma, de Antunes Filho. Quando voltava a Bagé, Gladimir ministrava cursos na cidade, ajudando a difundir o que aprendia e o fascínio do teatro.

O teatro sempre fez parte da sua vida. E embora tenha consseguido viver de teatro somente durante quatro anos, nunca abandonou o seu fazer, que acredita ser uma poderosa ferramenta de transformação, inspirado nas ideias Bertolt Brecht e na sua visão da função e do sentido social do teatro, como arma de conscientização e politização.

> **“Nem todo mundo que faz teatro precisa virar artista, a função do teatro também é abrir a cabeça e formar um sujeito critico, ativo, para exercer sua cidadania”**

Em seu retorno definitivo a Bagé, no final dos anos 90, ele conheceu a sua mulher Dilce, que se tornou sua parceria nas atividades teatrais da cidade. Um encontro de almas complementares, na vida e na arte. Juntos, ministraram oficinas, montaram espetáculos, tiveram o Luiz e modifi caram a compreensão de mundo de muita gente que passou pelos seus grupos. E ainda o fazem. “Muitas pessoas que participaram dessas oficinas até hoje fazem teatro, vivem do teatro e, outras, simplesmente acordaram para o mundo a partir dele. É aí que o teatro cumpre o seu objetivo, porque muda a percepção para a vida através da arte”,relata.

Para transformar, Gladimir acredita que é preciso o exercício de teatro. O ideal seria a existência de incentivos, de um espaço próprio, de cursos de aprimoramento e qualificação de multiplicadores, que espalhariam a relevância do teatro pelas escolas, pelos bairros, pela comunidade. Trazer pessoal qualificado com oficinas e espetáculos diferentes também ajudaria a encher os olhos daqueles que tem pouco contato. “Nem todo mundo que faz teatro precisa virar artista, a função do teatro também é abrir a cabeça e formar um sujeito critico, ativo, para exercer sua cidadania”, conclui.

O teatro possibilita a reunião das mais variadas manifestações artísticas em um único espetáculo, com a música que emociona na trilha sonora, o encantamento das artes plásticas explícitas nos figurinos, em objetos cênicos, na construção dos cenários, o ritmo que acelera o coração na mistura de dança e expressão corporal manifestada nos gestos, a forma como envolve com a literatura quando nos conta de um jeito singular uma história.

Não é à toa que desde a Grécia Antiga sua importância é reconhecida nos mais diversos grupos sociais. Quem um dia foi tocado pela combinação desses elementos, deixa se levar pelo fascínio dessa arte, e de fato, não consegue mais ser o mesmo.

UMA CIDADE DE MUITAS CRENÇAS

Espaço Seicho-no-ie

Artigos utilizados nas sessões de Umbanda

Bagé possui uma grande diversidade religiosa. Nós podemos constatar isso pela quantidade de espaços que vêm crescendo e se desenvolvendo pela cidade. Esses locais religiosos compreendem a Igreja Católica, Anglicana, Luterana, Batista, assim como a Ordem dos Ministros Evangélicos, Missionários da Luz, União Municipal Espírita, União Espiritualista de Umbanda, Seicho-no-ie, entre outros.

Essa diversidade ganhou mais força a partir de um projeto da Prefeitura Municipal, que vem sendo executado há três anos, com o objetivo de integrar as diversas religiões, contribuindo para o fim do preconceito. O evento ganhou o nome de “Feira das Religiões” e geralmente acontece em uma praça da cidade. A ideia do projeto, segundo o coordenador Padre Luciano, além da integração, é trazer conhecimento sobre as religiões, quebrar o tabu e conhecer o outro, respeitando suas diferenças.

A feira conta com livros religiosos de diferentes doutrinas, músicas, teatro, dança, assim como cartazes e stands. Para o Bispo Gílio Felício, a proposta da feira é que cada religião mostre como procede, quais seus fundamentos e sua história, através da troca de experiências. “O fórum Inter-religioso permanente de Bagé é muito importante para que as religiões conheçam umas às outras, conheçam valores e referências e, principalmente, para desativar a intolerância religiosa, promovendo a cultura do diálogo entre as religiões,” explica o Bispo.

Anuncio